



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 16 de Outubro de 1982 * Ano XXXIX — N.º 1007 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

ÁFRICA

● Nesta nossa volta por Angola — a mesma ansia em todos os olhares e a pergunta: «Quando voltam? O Estado vai entregar as vossas Casas. Venham mesmo!» O Povo sabe que todos os nossos passos o foram por ele; e sente o desejo puro da nossa presença.

Também o Lupricínio — o que era mais pequeno na comunidade de Malanje e ainda está na, agora, Escola provisória. Ele se abraçou a mim e pediu para o trazer ou que o levasse para as Irmãs que o receberam quando o pai morreu. Laços profundos que as espadas da revolução não conseguiram desfazer!

O mesmo com o Stel, antigo chefe maior. Chorou. «Que-fo que seja o paizinho a baptizar o meu filho.» Fui vê-lo. Lindo menino! Plenamente, só o amor gera.

Igual explosão a do André — o primeiro angolano a entrar na Casa do Gaiato — e pôs o nosso nome ao primeiro filho. Já com filhos, também o Rabelais, Maxinde e Eduardo. A família cresce!

«Plantai vinhas, cresci e renovei o vosso coração.»

Encontrei o Djunga numa rua da cidade. O seu comportamento foi mau durante a minha ausência. Ali mesmo, eu e dois mais velhos lhe fizemos o tribunal. Nem juízes nem polícia. Nós debaixo do céu e ele, que mede 1,84 m, de cabeça baixa — a ouvir. Prometeu portar-se bem. Os dois irmãos gaiatos ficaram por ele e serão testemunhas.

Igual união e entre-ajuda entre os gaiatos de Benguela. Padre Manuel continua a ser pai. Pai, também, de tantos desalojados, abandonados e aflitos...

● Julguei que era uma velhinha quando, há dois

Tudo quanto é vivo, perturba estes pequeninos cheios de vida. São os insectos, são as borboletas, são os passarinhos, são os animais domésticos — companhias felizes de quem hoje vivem perto e a quem procuram melhor conhecer para melhor amar!

Padre Américo

anos, na Missão do Loquembo, a vi chegar — no seu esqueleto em equilíbrio de pena — da longa caminhada de cem quilómetros. Ela se tinha sentado e estendido os ossos das pernas, como dois paus abandonados, e de olhos no chão vazio. Nem sequer nos olhou. Pareceu-me que seu único desejo seria o sumir-se na terra — devagarinho.

Começou a tomar leite e a reviver aos bunchinhos.

Vi-a, agora, na sua senzala... Uma menina de dezanove anos a sorrir cheia de felicidade e de interesse pela vida.

Porque nos perseguimos e matamos uns aos outros?

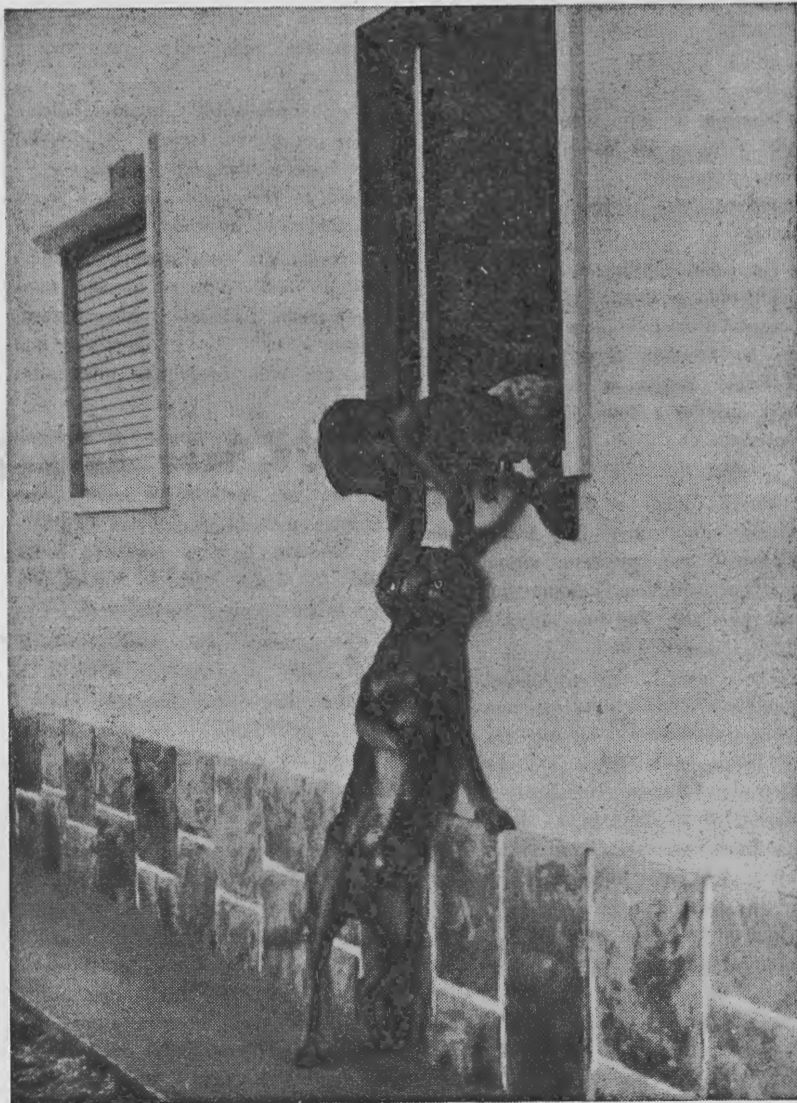
De nada nos servem os exemplos doutras guerras, doutras fomes e pestes?!

A «Paz de Abraão!» não se consegue com tratados ou leis.

Só pela paz e o amor no coração de cada um!

«Um «coração novo» e reconciliado com Deus e os nossos inimigos!»

Padre Telmo



NOTAS DO TEMPO

□ O espírito de servir sofre, sem dúvida, uma grande crise. É, aliás, um aspecto da debilidade generalizada do sentido de Justiça, virtude necessariamente difícil uma vez que, para cada um, ela estabelece a prioridade dos outros. «Dar a cada um aquilo a que ele tem direito» (e é este o conceito activo da virtude) é sempre algo que exige renúncia — mais ou menos directa, mas renúncia — ao sujeito da acção. Do ponto de vista passivo todos concordam na definição e a estimam e estimariam que ela se realizasse em plenitude. Mas quando toca a cada qual realizá-la, ainda que a teoria permaneça, na prática encontram-se sempre razões para desfocar.

Vem isto a propósito de um caso de há dias e da reacção, de que ele foi a oportunidade, da pessoa a quem foi posta a sugestão que adiante se dirá.

Eis o caso: Sendo Agosto o

mês de férias nas nossas Oficinas de Setúbal e consequente fecho do Lar nesta cidade, houve um lapso nosso no pagamento do telefone de que só demos conta quando, já em Setembro, no-lo cortaram. Um acidentezinho de percurso que as férias favorecem e que, de certo, não será facto insólito.

A sugestão foi esta: Se há um funcionário que controla o período de 12 dias dado para liquidação da conta — porquê, antes de ordenar o corte no dia de expiração do prazo e na suposição razoável e mais benévola de um esquecimento, não telefona ele ao assinante um último aviso, debitando-lhe, embora, essa chamada?! Assim se fazia em Angola noutros tempos, convenhamos, muito mais civilizadamente. E assim, num plano de boa-fé, se evitava um maior incómodo ao cliente que, com todos os outros, justifica a existência de serviços telefónicos e os postos de trabalho que eles implicam.

Eu queria ter dito isto ao Chefe da Central Telefónica, pensando que não adviria da sugestão qualquer transtorno ao bom andamento dos serviços. Mas achei uma barreira

intransponível na pessoa que me atendeu, manifestamente escandalizada pela proposta (e neste escândalo-sintoma reside o cerne do meu choque!) — como se os serviços em que ganha o pão não fossem um Serviço Público, justamente instituído para préstimo dos utentes; e não seja de boa justiça procurar toda a melhoria possível para os destinatários que são a razão de ser dos mesmos serviços?!

Sucedeu que, exactamente nesse dia em que tivemos de dar voltas e de esperar a re-liquidação do telefone, ficámos de novo sem ele mais algumas horas (o que sucede muitas vezes!) agora por avaria técnica de que ninguém tem culpa (nem nós!), mas de que não houvemos (nem nunca há!) qualquer contrapartida pelo prejuízo sofrido.

□ Reminiscências antigas que fui guardando para uma oportunidade, surgem-me de vez em quando, agora que vou pondo ordem nessas reservas da memória.

Trata-se de um simples selo de correio, ostentando a preto

Cont. na 4.ª página

A reedição do «PÃO DOS POBRES» continua em maré alta

Não vem dia útil ao Mundo sem que a mala do correio deixe de levar pacotes e pacotes de livros Pão dos Pobres — de todas as obras lançadas pela nossa Editorial — requisitadas pelos postais RSF (resposta sem franquia) de S. Gregório a Sagres, das regiões autónomas, de todo o lado onde pulse um coração português sintonizado com a problemática dos Pobres.

Daqui, onde nos encontramos, a gente vibra com o amoroso trabalho de Zé Carlos, Agostinho, «Fuzeta» & C.ª na últimação de livros na enca-

dernação; os quais, agora, supõem a falta de «Gágá», adoentado, e do Sabino que foi para uma das mais importantes empresas gráficas da cidade do Porto, aplicando a formação recebida na Obra que lhe serviu de Mãe.

O trabalho deles — aplicado no que é seu e de muitos que não-de vir — apesar das naturalíssimas escaramuças e gritarias que ora e logo explodem em cachão e nos fazemos dores de cabeça...! — o amo-

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GALATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É uma Viúva a quem damos a mão no processo de pensão de sobrevivência — como a tantas outras. Traz mais papelada. Mas, para rabisar o nome de baptismo é um balvário: — *Faça o meu nome num papel a ber s'eu consigo escrever... Tenha paciência!*

O recenseamento de 1979 regista 1.500.000 analfabetos, 70% dos quais com mais de 50 anos — idade das pessoas que atendemos. Isto é, em cada 100 pelo menos 20 portugueses não sabem ler nem escrever; fenómeno com maior incidência nas zonas rurais, nas províncias do interior onde estamos inseridos. Pelas estatísticas da UNESCO temos a maior taxa de analfabetismo da Europa!

Foi assinalado, há mais de um mês, o Dia Internacional da Alfabetização, criado pela UNESCO para chamar a atenção do Mundo para mais este gravíssimo problema dos Pobres. Em nosso País, numa sessão comemorativa, os directos responsáveis pela alfabetização de adultos lamentaram que as estruturas do Ensino apenas tenham recebido 59% das verbas previstas para 1980/83, mas alfabetizaram 42.000 pessoas, 84% do previsto. Na opinião optimista dos técnicos, o mal desaparecerá, em Portugal, na década de 80. Quem dera! Mas a outra face do problema, tanto ou mais aguda: o semi-analfabetismo?

● Outra Viúva. Tem cinco filhos diminuídos mentais irrecuperáveis: duas no Alentejo, ao cuidado de uma Obra sob a invocação de D. Manuel Trindade Salgueiro — grande amigo de Pai Américo; e dois outros, até há pouco internados em um hospital nortenho, que voltaram à mãe por ordem superior! — contestada ao mesmo nível, segundo o filho mais velho, normal, e já casado.

A pobre Viúva — heróina ao longo da vida! — está na curva descendente e bem merecia, nesta fase, estar mais descansada, só com um filho doente inteiramente a seu cargo, o qual já dá muitos trabalhos e canseiras.

Ainda não nos abordou sobre o caso vertente. Porém, não demorará, por via de um processo de pensão de sobrevivência do Montepio dos Servidores do Estado — iniciado em 1979 — na recta final. Mas, no reino da papelândia — quais obstáculos em estrada ruim — há sempre hipótese de demorar um pouco mais. Por isso, quantos cidadãos não chegam a gozar, em vida, a sua legítima pensão!

Ora, esta mulher foi agora convocada a mandar o número de contribuinte de cada filho — proprietários na Indigência — para instrução do processo de pensão. Sem bilhete de identidade, porém, que não têm, as Finanças não procedem à inscrição. Então as cédulas de nascimento são para botar ao lixo como simples adorno do Registo Civil? Resultado: a mãe tem de andar com os filhos por longe, sujeita a tudo e a todos,

por mor dos B. I.; e também as Religiosas, no Alentejo, que cuidam das meninas!

E se a lei, os regulamentos fiscais (nesta parte omissos, como é óbvio), repetimos, atribuísemos à cédula de nascimento — para estes casos muito específicos — a mesma força legal do bilhete de identidade? Há já um razoável pacote legislativo para Deficientes. Seria mais um despachozinho de largo alcance social.

PARTILHA — Aveiro, 5.000\$00 de senhora muito amiga dos Pobres. D. Osita, Lisboa, 500\$00. Assinante 16415, de Barcelos, o mesmo e um hino a O GALATO: «Como sempre fico a pensar na maravilhosa e sublimine doutrina que todo ele emana da primeira à última linha!»

Assinante 27385 manda 1.000\$00 «para os nossos Irmãos mais aflitos».

Oliveira do Douro: «Junto uma pequena importância para a Conferência e ousou pedir uma oração ao Senhor para que se o desânimo quiser entrar ou tiver entrado nas nossas vidas, nunca a Esperança nos fuja; e com os olhos e o coração no Senhor, sigamos em frente, embora às vezes a cambalear, mas sempre em frente. As nossas vidas nunca se podem perder nos Caminhos de Deus.»

Uma voz do Alto! A percentagem de uma Licenciada, de Paço de Arcos, sobre o vencimento mensal — 3.800\$00. Há quantos anos!

Ribeira de Pena, 250\$00 «em memória de meu Marido que tanto vi sofrer, embora rodeado de conforto. Avelho, por isso, o que sofrem os Pobres doentes e desamparados!»

Por fim, damos a palavra a um Vicentino de Lisboa:

«Há bastante tempo que não vos

Trajectoria

Diante do mesmo espelho barbeia a mesma fadiga

qual formiga pelo grão tomam-lhe o peito por dentro furores da combustão

Nos apertos do comboio ida-e-volta de tristeza

na incerteza de estação lê nos carris sem destino toda a magreza do pão

De pedras e de capim no pinho teve recado

revoltado viu no cerco invadirem-lhe o quinteiro uns certos bichos do esterco

Cavou terra foi navio ergueu ponte abriu estrada

rasgou a margem do rio furou a mina pra nada.

Setembro/82 *santos kim*

contactava. Foi preciso que o Apóstolo S. Tiago me desse forte safanão na Missa do último domingo (24.º) com a leitura da sua incisiva Epístola. Diz ele: *De que serve a alguém dizer que tem fé, se não praticar as obras que lhe correspondem?... A fé sem obras está pura e simplesmente morta.*

Estas palavras queimam como fogo e tocam a rebete nas nossas consciências, mormente na consciência do vicentino que tem como acção específica da sua vocação ser o samaritano do Irmão necessitado, daquele que, a todo o momento, aguarda a sua ajuda fraterna em ocasião difícil.

Para resgatar a minha falta, junto um pequeno cheque...

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

VINDIMAS — Começaram, em nossa Aldeia, as vindimas. É a altura mais apropriada, uma vez que dentro de dias a nossa vida é alterada com o início das aulas.

Já se colheu a uva americana. Encontramo-nos, agora, na uva branca. O tractor vai e vem da vinha para a adega com pressa de acabar o trabalho. Os mais pequenos a apanhar bagos, caídos no chão. Mas não só; também apanham apetitosos cachos das dornas. O trabalho é feito com ordem. O Serafim é o supervisor do trabalho. Os mais crescidos sobem e descem escadas, despejando os baldes e cestos, nas dornas. Mas também procuram certificar-se se o que colhem é realmente bom...

Um trabalho alegre para quem o faz, com o respectivo apreço que uma vindima merece. É um trabalho que agrada à maior parte de todos nós.

ANO LECTIVO — Está à porta mais um ano lectivo, moralizado para o começo de uma nova etapa. Para uns, o gosto do passo que alcançaram; para outros, o desejo de recuperarem o que perderam no ano transacto.

Na Escola Primária, em nossa Aldeia, tudo normal. Em Penafiel, esperamos que tudo seja iniciado dentro do previsto. É provável, quando o jornal chegar às vossas mãos, já haja aulas e a nossa vida esteja normalizada.

VISITANTES — Esteve em nossa Aldeia um grupo de Amigos da EFACEC que, por esta altura, vem partilhar connosco o amor que sentem por nós. Foi um sábado muito alegre e divertido.

Cerca das 12 horas, foi-nos dado o almoço como todos os anos. Da parte da tarde reunimo-nos no salão de festas, onde foram exibidos dois magníficos filmes. No final do primeiro foi a merenda e, depois, regressámos ao salão, que nessa hora era o local mais indicado, pois estava um dia muito chuvoso.

Para este grupo de Amigos o nosso muito obrigado.

LIVROS DE PAI AMÉRICO — A nossa Editora é quase formada por livros escritos de Pai Américo.

Na verdade, se existem obras verdadeiras e completas, as de Pai Américo são verdadeiramente excepcionais. Temos a realçar os inúmeros pedidos que, diariamente, chegam pelo correio.

Se o Pão é na verdade um alimento essencial para o ser humano, os livros *Pão dos Pobres*, de Pai Pai Américo, são uma fonte de Água pura para todos nós.

OBRAS — Um a findar e os planos a serem programados, para outras — é o ponto forte das obras em nossa Aldeia.

No parque infantil estão quase concluídas. Agora, estuda-se o arranjo de um armazém e parque de alfaias agrícolas, ao lado da vacaria. Aquilo ficará muito funcional!

Esperamos que os trabalhos programados se iniciem dentro em breve, para se concluírem certas necessidades fundamentais para a nossa vida agrícola.

PADRE TELMO — Depois de uma visita a terras de Angola, o nosso Padre Telmo regressou já a Portugal, tendo passado uns dias em nossa Casa do Galato do Tojal, onde foi substituir o nosso P.e Luiz, que tinha necessidade de descansar um pouco desta vida cheia de trabalhos, em nossa Obra.

Esperamos que tudo tenha corrido pelo melhor ao nosso P.e Telmo e que não tarde o seu regresso a Paço de Sousa.

Carlos Alberto

Tojal

PRAIA — Terminou a época balnear em nossa Casa.

Foi no dia 7 de Setembro que o grupo dos mais velhos regressou à base.

Tanto quanto foi dito aqui, à chegada, por alguns rapazes — etíhnam sido quinze dias bem passados — apesar de terem que descer e subir o monte uma série de vezes por dia.

Tiveram um bom mar, sem poluição, no qual puderam tomar ricos e demorados banhos! O tempo esteve mesmo «baril»; e eu acredito que sim, até pelo bronzado que todos traziam.

Tiveram ainda muitas e variadas diversões. Uma delas de carácter competitivo: um encontro de futebol com os monitores da ex-Colónia Dr. Mário Madeira, hoje na posse da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, em que saímos sempre vencedores.

Aproveitamos, pois, para agradecer à comissão directiva da Colónia o carinho que sempre nos tem dispensado e por tudo o que nos deram. Para todos o nosso obrigado.

TRABALHO — Finda a época balnear, a Casa tomou mais vida: é a comunidade reunida; é o refeitório cheio; é a algazarra maior...

Mas o Waldemar, o chefe, não tem tido mãos a medir, a distribuir as mais variadas tarefas, por cada rapaz, por cada grupo. Para nós, tanto como a comida assim o trabalho chega para todos!

PECUÁRIA — Muito recentemente nasceram mais dois vitelinhos. E como tudo o que é pequeno é bonito, estes não podiam fugir à regra. Uma das vacas, alguns dias após o parto, começou a sentir-se bastante mal, de maneira que fomos obrigados a vendê-la, mas só com o consentimento do médico veterinário.

Também duas porcas pariram (não sei se combinaram ou não) mas o certo é que ambas tiveram dez filhotes cada uma. É o Varito quem as trata. Estão uma beleza! A começar pela limpeza até ao trato, tudo impecável.

AGRICULTURA — Acabadas as férias eis que a vida não pára, não parou nem pasará. Assim, todos aqueles que fazem parte da nossa «rotina agrícola» — e com a colaboração total do sr. P.e Acílio — começaram a dar uma podadela: limpeza nas laranjeiras e tangerineiras para, logo em seguida, ter sido dado também o tratamento adequado no combate às pragas.

Luís Eduardo

INFORMAÇÃO DO CORVO

CASAMENTO — No passado dia 25 de Setembro as nossas atenções viraram-se particularmente para o Mosteiro da Batalha onde se celebrou não uma batalha — como o próprio nome nos poderia levar a pensar — mas, sim, o sacramento do Matrimónio do Joaquim José (Lita) e Maria Alice, da Batalha. Uma união que se foi construindo ao longo de 3 anos. Uma cerimónia muito própria que a todos agradou e a todos comoveu. O nosso P.e Horácio (em companhia do nosso P.e Luiz) presidiu à cerimónia. O nosso grupo coral animou a Eucaristia.

Decerto, a Maria Alice e o «Lita» estavam certos do acto que celebravam, pois haviam feito um curso de noivos em Fátima, onde, curiosamente, decorreu a boda.

No dia seguinte, domingo, o «Lita» e a Maria Alice, já casados, vieram até nós, participaram na Missa, almoçaram e passaram o dia connosco.

A este novo casal (com um futuro sorridente) desejamos a maior felicidade. Que se saibam ajudar mutuamente em qualquer circunstância, seja ela crítica, seja ela alegre. Que saibam resolver os seus problemas pacificamente, pois já sabem (aliás ele mesmo o disse no final da boda a todos os presentes) que problemas nunca irão faltar. Gostámos de os ter um dia connosco e de ouvir o «Lita» na nossa sala de jantar.

VINDIMA — É o trabalho que a maior parte dos nossos rapazes mais gosta. Mas a nossa vida, cá em Casa, não é só vindima, como é óbvio, e muitos não podem tomar parte nela, pois têm tarefas indispensáveis no dia-a-dia.

As uvas estavam a secar; e, por isso, esperámos a mudança de esta-



gão, confiantes que haveria de cho-ver o suficiente para as uvas adquirirem sumo. Com efeito, assim se processou tudo, e ficámos satisfeitos com a vindima. No momento em que escrevo já estão as uvas esmagadas; o mosto, a ferver nas pipas; e com o bagaço estão fazendo a aguardente.

Esperamos que o vinho seja bom, pois procurámos tratar as videiras, arrancar as ervas, regar; enfim, é bastante consolador saborearmos aquilo que foi fruto do nosso trabalho e das nossas canseiras.

FRUTA — Os pêssegos estão apanhados e comidos. As nozes irão para o sótão secar para, mais tarde, nos regalarmos comendo as broinhas do Natal. As peras também já se comeram em parte e as maçãs estão sendo apanhadas e cuidadosamente depositadas (para se não pisarem) nos celeiros. Lá amadurecerão e mais tarde farão o regalo das nossas sobremesas. A fruta apanhada do chão, é levada para a casa da fruta onde será descascada e preparada para cozer.

Como o leite está caro e a fruta, aqui em Casa, é abundante e não se pede estragar, comemos-la cozida ao pequeno-almoço, com pão; e, assim, nem se gasta dinheiro no leite nem se estraga fruta por ser abundante.

De vez em quando também temos figos à sobremesa, pois não amadurecem ao mesmo tempo e, por isso mesmo, à medida que amadurecem são apanhados e comidos.

Os melões e as melancias também já foram colhidos e comidos à sobremesa, com muita alegria. São poucos e só chegam para uma ou duas refeições. Por isso fazemos uma festa com os melões e as melancias.

AGRICULTURA — O feijão foi estendido na eira antes de ir para as tulhas. Os tomates que, este ano, foram em menor quantidade, já foram comidos e parte deles transformados em polpa para a cozinha. Também já guardámos as cebolas, os alhos e as abóboras. Parte do milho está apanhado e arrumado. Os marmelos estão a ser transformados em marmelada que, aos domingos, comemos barrada no pão.

OBRAS — No ano passado, a zona dos miúdos, grandes e médios, sofreram novas pinturas nos tectos, paredes, janelas e portas. Este ano, a zona dos pequeninos está sendo submetida a novas pinturas, pois não há nada que resista aos efeitos do tempo! A seguir serão os quartos das senhoras e a sala de jantar. Queremos tudo bonito!

Carlitos

SERIAL

NOTÍCIAS — Tantas pessoas nos chamam preguiçosos por não darmos notícias do dia-a-dia da nossa Casa!

Não é por falta de quê, mas roídos por ninharias que não nos deixam ver a poesia da Casa, mais dos seus habitantes.

PRAIAS E FÉRIAS — Todos gozaram delas. Primeiro os mais pequenos, depois os grandes. Alguns destes foram a casa dos seus familiares.

A praia, sita na serra da Arrábida, é um acampamento um nadinha sem condições, por não termos ordem de fazer melhor, por via da beleza

da serra... Quanto mais não vale a beleza dos nossos rapazes, a saúde e o bem estar deles!

Já fomos incomodados, mas ainda não tivemos quem nos dissesse da resolução. Que bonita ficaria uma casa ali, naquela encosta, tal como outras se vêem! Onde estão os que defendem os Direitos da Criança? Ou a Criança da rua não tem direitos?

Quem tiver ouvidos, ouça. Quem tiver olhos pra ver, veja. Não há crianças privilegiadas. Os direitos devem ir ao encontro das mais carecidas.

OBRAS — Andamos nos acabamentos da casa três. Os carpinteiros andam a colocar portas e janelas e a forrar paredes. Sr. Tomé anda a dar os últimos retoques nas paredes que vão ser pintadas. Ti Zé mais os seus acabaram a colocação dos azulejos e dos mosaicos. Quando esta casa estiver pronta, serão mais alguns que transitarão para o conforto dos quartos, com mais ambiente familiar.

«BATATAS» — São eles que tantas vezes nos dão força para te escrever. É uma conversa do «Té», uma cara amuada do Ruizito para logo nos dar um sorriso. É o Victor mais o Luís Henriques que vêm até nós e se deixam acarinhar. É o chefe deles, no trabalho, que não dá conta do recado porque não mostra exemplo, e faz com que o chamemos à atenção.

Tanta coisa que estes pequeninos nos dão, e em troca ainda não temos senhora capaz de se lhes dar como Mãe!

Outras coisas eles nos teriam para dizer. Outras eles diriam, quando, à noite, os fosses aconchegar ou de manhã os fosses ajudar a vestir. Que lindos sonhos! Os teus pesadelos fugiriam!

LAVOURA — Tem sido um tor de trabalho e canseiras! É o tratar das árvores para o ano frutificarem. Foi a colheita da batata. É agora a colheita do tomate que eles carregam pra fábrica. São os pastos que têm que ser gêmeados, tratados e colhidos para que o gado seja bem tratado. Tudo isto nos tempos livres das aulas. Eles hão-de dar fé desta canseira, e bendirão este tempo amargo.

FUGITIVOS — O Verão é tempo propício pra «fugas». Foram um tor deles. Uns andaram a rondar a Casa, outros foram mais longe, e outros ainda mais. Foi o caso de dois algarvios que conseguiram ir até ao Algarve de onde são naturais. Um deles, o Amândio, veio com um dos nossos Padres quando da ida aos peditórios. O outro, o Victor, que tem cá mais dois irmãos, ainda não apareceu.

Ambos são já antigos na Casa. O Amândio, que ronda os 14 anos, é veterano nesta andança de fugir. O outro também, mas não tem saído das redondezas. Como vem aí o Inverno, esperamos que ele volte. É assim a vida na Casa do Gaiato. Às vezes, cheia de surpresas! Surpresas naturais nas idades e proveniência destes rapazes.

ISABELINHA — É mais um anjo da Quinta do Anjo. Aproveitou bem as férias e veio aturar os nossos pequenos mais atrasados no Ensino. Tem 15 anos. É estudante. Conhecia-nos de fora. Agora veio conhecer o cerne. Tem aprendido muito esta moça e há-de, pela vida fora, lembrar-se dos nossos rapazes mais do ambiente da nossa Casa, que tem rosas com

Auto-construção

Naquela tarde cinzenta percorremos estaleiros de Auto-construção. Era uma tarde de sábado, que muitos trabalhadores citadinos aproveitam para serviços diversos: explorações agrícolas — estamos em maré de vindimas — e outras actividades, como a Auto-construção. Neste domínio, onde for possível e útil à economia caseira — porque não à economia nacional? — o Auto-construtor reserva uma área de terreno, pequena ou grande, para quintal. Se a produção destas minúsculas parcelas fosse contabilizada, teríamos valores surpreendentes. E outra vantagem: parte delas são terras de encosta, virgens, arroteadas pelo alvião ou picareta do Auto-construtor. Terras dantes improdutivas, que o homem jamais teria cultivado. Saudemos o esforço do Auto-construtor, cuja **quintalização** é o reverso de uma outra, obviamente prejudicial à economia do Entre-Douro-e-Minho.

Desde sempre topámos alguns — a ganhar fôlego ou poupança para erguerem a moradia — que, logo após a vedação do lote, abrem valas para bancelos, semeiam batatas, plantam couves e outros miúdos na parte destinada à horta, cativados pela mãe Natureza — do lançar as sementes ao desabrochar das folhas, flores e frutos!

Voltemos ao nosso giro: Quem nos pressionou para mais esta peregrinação foi uma doente que, em tempos mais difíceis, mal tinha broa na mesa e remédios para sobreviver.

— Um dos meus filhos quer

espinhos, como é natural. Que boa, a presença da Isabelinha!

VISITA — Esteve connosco o Teles mais a esposa. O Zé Teles há muito radicado no Brasil. Sempre que vem à Europa vem até nós. É uma festa para o casal Teles estar connosco. Dão a volta pelas outras Casas. É como que uma peregrinação obrigatória. São nossos. Ela também, de tão agarrada a nós, à nossa vida!

TAUROMAQUIA — Ontem reparei, do meu quintal, uma cena tauromáquica: Um deles, com capa — a sua própria camisa encarnada — tentava a «sorte» com uma bezerra. De regresso pro meu trabalho inquiri: «Nós toureamos e ela já está ensinada».

Mais uma novidade pra mim! Qualquer dia é mais um que tem que ser socorrido nas urgências do hospital!

Por via destas e doutras, é que o Padre Carlos já diz ser o melhor freguês daquele estabelecimento. Qualquer dia ficamos sem crédito...!

SEMINARISTAS — O ano passado, nas férias dos nossos, ajudaram-nos alguns rapazes seminaristas. Porque não vieram este ano conviver connosco?

Ernesto Pinto

fazer um barraquinho à pé de mim, p'ra depois casar. A nossa casa é muito pequenina...!

E é!

— Ele quer estar perto de mim, q'ó meu home dá mau viver q'ando está c'ó vinho...!

Na ânsia incontida de moradia decente («a gente vai comprando blocos...»), a simplicidade de um ou outro não dá logo fé das voltas e reviravoltas — no enquadramento legal.

— Pode ficar ali em cima?

— Não dá. O projecto seria indeferido.

— Ora diga lá outra vez...

— Eles não autorizam a construção. É pouco terreno, esganado; e outras coisas mais. Gastariam dinheiro e, no fim, não conseguiriam nada.

— Ai meu Deus, tantas voltas!

— A única possibilidade é ampliar a moradia que têm, sem mexerem quase em nada do que está — com a devida autorização.

— V. podem ajudar nestas voltas q'a gente não sabe nada destas cousas?!

— Vamos procurar abrir caminho.

Perto, era festa no estaleiro de uma moradia já no cume: — É a última placa!..., grita lá de cima o Auto-construtor, ro-

deado de uma dúzia de amigos e familiares, pintados de cimento da cabeça aos pés.

— Venham ver a nossa obra! Entrámos. Não parou a azáfama:

— Mais cimento! Olh'a viga! Aperta bem a massa!

Uma festa, num amor de casa por acabar!

— A gente só pode fazer isto ós poucos, q'ó dinheiro custa muito a ganhar...!

Ele é funcionário hospitalar e a mulher também anda por lá a trabalhar. Ambos com ânsia de viver e felizes por conseguirem uma casa digna — pelo seu próprio esforço.

Continuámos, por aí fora, noutros lados, a ver maravilhas que o mundo desconhece e são, de facto, uma riqueza do País. Tanto maior quanto efectivamente — dá-lo uma reportagem que lemos sobre a Auto-construção francesa — «nas casas mais baratas os Auto-construtores conseguem uma qualidade bem superior à das casas em série». E, também aqui, na Pátria de Camões, «as pessoas que constroem fazem, de modo geral, as casas mais espaçosas e de melhor qualidade que as vendidas com chaves na mão».

Júlio Mendes

Partilhando

● Fui expressamente ao Bairro D. António Barroso, em Miragaia (Porto), a pedido das Criaditas, por causa duma moradia do Património dos Pobres. É necessário ocupar devidamente, por justiça, uma casa vaga com uma família das muitas que ali há — na degradada zona da Ribeira — em miséria sobre miséria.

Ao lado daquela, estava uma casa cheia... de amor e sofrimento! A mãe vestida de preto — viúva duas vezes — pede que entremos no lar simples e limpo que Pai Américo lhe deixara. Leva-nos, imediatamente, ao quarto para nos mostrar a sua cruz: duas meninas crescidas — mental e fisicamente deficientes. Recolhidas na cama, sorriram quando a mãe nos disse que a música é a única coisa que as distrai. «Deliram quando ouvem música!»

Alguém querera oferecer um aparelho musical àquela mãe para aliviar a cruz de Cristo, ainda hoje levada aos ombros por esta e outras mães do nosso tempo?

● Ouvi barulho e desci as escadas da casa-mãe da nossa Aldeia. O «Pank» mais o Reinaldo andavam ao murro por causa de uma posta de peixe roubada pelo «Vinte e seis», que estava muito sossegado ao pé deles, a comer o peixinho que fritara por suas mãos —

indiferente à guerra que motivara! E os outros dois, bem diferentes, quiseram entrar na súcia, mas não foram capazes de se sair bem: zangaram-se, sem começar e acabar nada; fizeram só uma triste figura!

Apreciéi mais positivamente a acção negativa do «Vinte e seis» do que a ineficácia positiva dos outros companheiros. A reprovação foi geral, mas com classificação individual.

É que «os filhos das trevas são mais espertos do que os filhos da Luz» — verdade sempre actual do Evangelho de Cristo.

O «Vinte e seis» só comeu metade do peixe porque cheguei naquela hora... e tínhamos acabado de jantar sardinha assada! Cá em Casa, a falta de apetite é doença muito rara! Antes assim, já que o ar puro dos montes e vales reforça o apetite de alguns dos nossos rapazes, até para medir forças... «Pank», Reinaldo e «Vinte e seis» com uma boa posta de peixe!

Finalmente: somos uma Casa onde as forças se medem todos os dias — as do Bem e as do Mal... — com vitória para os primeiros, às vezes invisível aos olhos do corpo. Se colocamos só as fraquezas em cima do alqueire... ficamos cegos pela escuridão. Não pode ser!

Padre Moura

Novos Assinantes de «O GAIATO»

A expansão de O GAIATO continua também em maré alta. Graças a Deus.

O nosso Padre Telmo motivou, recentemente, os participantes de uma celebração eucarística na Póvoa de Varzim e trouxe, de lá, mais 250 novos assinantes! E o Padre Carlos 110 de Vendas Novas!

A mala do correio não deixa, também, de ser farta:

«Junto cheque que dará para dois anos de assinatura do novo assinante de 9 anos que já gosta de ler e deseja ir à Catequese.»

Sublinhamos o crescente interesse dos mais novos pelo O GAIATO. São o mundo de amanhã!

Porto:

«Sinto-me profundamente avergonhada de só agora dar acordo de vida! Não tem sido esquecimento, isso não, porque raro é o dia em que não me lembro de vós e com toda a minha amizade!

(...) Até que, hoje, saltou da cama e disse para mim mesma: — Basta de egoísmo!

Aqui vão as minhas desculpas e o meu obrigado pelo bem

que O GAIATO me tem feito. Junto envio cinco direcções de pessoas minhas amigas que desejam receber o jornal.»

Um grito d'alma que ressoa entre amigos e familiares!

De algures:

«Junto um cheque para a vossa Obra. Sou mãe de quatro rapazes e uma menina, e peço a Deus bênçãos para os meus filhos. Agradeço o favor de me enviarem O GAIATO por assinatura.»

Coloca no lugar próprio os seus cuidados de Mãe!

Uma outra, que reside no Minho, aproveita para desabafar parte da sua cruz dolorosa:

«Tenho lido alguns exemplares de O GAIATO. Quero ser assinante. Gosto muito do jornal.»

Sou pobre. Tenho 7 filhos. O meu casamento foi um pouco fracassado, mas tenho já filhos a trabalhar. Peço pela conversão do meu marido...»

São Mulheres heróicas. Traves da Família. Não fossem elas, seria o desmoronar! Curvemo-nos, respeitosamente, à passagem desta Mãe crucificada; materialmente pobre, sim,

mas tão rica, espiritualmente, que ainda lhe sobra tempo para saborear O GAIATO — e interessar-se pelos Outros!

Uma jovem de Mogadouro:

«Gostaria que me mandassem sempre O GAIATO. E, também, a duas minhas colegas que o leram e querem ser assinantes.»

É pequena amostra de uma grande procissão. Tão grande que, num só ano, fez crescer a tiragem em mais 6.000 exemplares. Mais do que os números, porém, está cada um dos leitores de O GAIATO — fonte de inquietação. E essa inquietação, como é óbvio, projecta-se noutros, qual bola de neve!

Resta-nos abrir o mapa e dar uma visita d'olhos sobre os lugares de onde provém a procissão: Lisboa, Porto e Coimbra um ror de assinantes. Mais Olhalvo, Carvalhos (Gaia), Cantanhede, Fanhões, Paredes, Guimarães, Vila Nova de Gaia, Gondomar, Perafita, Sobreda da Caparica, Aradas (Aveiro), Moure, Vouzela, Seixal, Alverca do Ribatejo, Montijo, Linda-a-Velha, Olhão, Aldeia do Carvalho, Guarda, Macedo de Cavaleiros, Antas (V. N. de Fomalicão), Monte da Caparica, Ermesinde, Ovar, Camarate, Valbom (Gondomar), Sarilhos Grandes, Mação, Alcoentre, Fi-



O «Flora» acaricia um rico vitelo! Na verdade — segundo Pai Américo — «o contacto com as coisas da Natureza é um tónico espiritual que penetra e invade o ser destes pequeninos».

gueiró dos Vinhos, Santo Tirso, Travanca (Macedo de Cavaleiros), Caldas de Vizela, Vila Verde, Rebordões (Santo Tirso), Cacém, Alvão, Viseu, Castanheira de Pera, S. Mamede de Infesta, Fundão, Mato-

sinhos, Ferreira do Alentejo, Paredes de Coura, Lourical (Pombal), Vale do Pereiro (Sertão), Mirandela; e França: Paris — a capital — e Antibes. Mais Leblon (Brasil).

Júlio Mendes

NOTAS DO TEMPO

Cont. da 1.ª página

e azul sobre faixas roxas horizontais, curvas crescentes, a azul quase na vertical, sob a legenda, a toda a largura, PRODUTIVIDADE. O carimbo, se bem consigo decifrar, diz: 6/12/76.

Impressionou-me na altura e, infelizmente, continua a impressionar-me.

Qual a intenção que motivou o artista ou quem lhe encomendou o desenho? Queria este exprimir um facto?, ou um desejo de que assim fosse?...

Se assim, esta segunda hipótese, será por isso que a curva a azul celeste é a mais pronunciadamente ideal, como se um crescimento rápido da Produtividade fosse virtude a cair do Céu? Não; não é. É semente boa a germinar dos homens, eliminadas muitas outras, ruins, que teimam vingando até nas melhores terras, justamente porque o são. E não é de repente que se verão seus frutos, que os bons hábitos levam tempo a enraizar! Mas que urge pensar no projecto que, talvez, no selo se pretendeu simbolizar e, quanto antes, levar a empresa por diante — isso sim! É que de 76 a 82 vão seis anos e, ao longo deles, ninguém viu grandes progressos na Produtividade. E sem ela, também se não vê como competir e sobreviver em real independência, em igual dignidade, no seio de nações mais ricas, não só em bens naturais ou acumulados, como em disciplina e organização de trabalho.

Se com o selo se quis exprimir um facto... só por humor negro!

● Vem aí o novo ano lectivo. Ao longo deles e no-

meadamente em cada princípio e fim, em nossas Casas cresce a maré dos livros escolares. Servissem eles...! Mas não. A moda (e os interesses implícitos em todas as modas) invadiu este pelouro, mesmo quando não há grandes alterações programáticas; e vemos sucederem edições a outras edições, sem sabermos dizer se melhores, se apenas equivalentes.

Vai o tempo em que a gente guardava os nossos livros com veneração, como instrumentos de consulta que, de tantas vezes percorridos, fácil nos era achar resposta à questão procurada.

Nas nossas Casas, como sucede nas famílias de vários filhos e tal como acontece à roupa e ao calçado, livros iam ficando dos mais velhos para os mais novos com bom aproveitamento.

Agora não. O livro que o ano passado se comprou, foi posto de parte no presente. E, às vezes, nem um nem outro são seguidos pelo Professor, o que não pouco desorienta os alunos, sobretudo nos primeiros e nos anos médios de escolaridade quando ainda não há destreza nem hábito de fazer cada qual sua «sebenta», ou de procurar matéria aqui, matéria ali.

E, para além de toda a deseconomia que, em termos da Comunidade global, não sei a quem aproveita, fica o espectáculo triste e deseducativo dos «cemitérios» de livros, tais como os «cemitérios» de latas que foram automóveis — o que redundava em desfavor do livro e do afectuoso respeito que era bom se reaprendesse a consagrar-lhe.

Padre Carlos

Cont. da 1.ª página

roso trabalho deles enche-nos a alma e dá-nos Força para prosseguir sem desfalecimento nesta cruzada de Amor. O Pão dos Pobres — os livros de Pai Américo — têm riquezas sem conta, recolhidas nos antros de Miséria, as quais burilou num estilo inconfundível com mão de mestre que nunca quis ser — mas Servo daqueles que o Mundo rejeita ou esquece, ilusoriamente, pelo muito ter, pelo muito ser.

Do outro lado do nosso mirante, outra imagem irrequieta: o grupo que, afanosamente, como quem brinca, dobra a próxima edição de O GAIATO para os assinantes e vendida-avulsa. Mãos pequeninas de ex-«Batatinhas» que, deste modo, pelo amor ao Trabalho, sacodem penas do lixo da Rua; enquanto mais um grupo, menos numeroso, mais calmo, do simpático «Ruilhe» ao Carlitos de voz grossa, preparam embalagens de livros que, a meio da tarde, cingidos ao peito, qual abraço quente, transportam à estação dos CTT, também como quem brinca.

Tudo isto é um mundo de vida que se renova diariamente, dando novos mundos ao Mundo. Sim, não daria — verdade seja — se eles estivessem ou continuassem na Rua!

Esta moldura enche de tal maneira a alma, que a gente ficamos ainda cilindrados ao bulir na correspondência dos Leitores — que daria para uma edição de O GAIATO — com ressonâncias sobre as obras de Pai Américo e todos os livros da nossa Editorial; não falando, já, da que se refere especificamente a O GAIATO, re-

A reedição do «PÃO DOS POBRES» continua em maré alta

volucionário pacífico que, mau grado a pequenez de quem o escreve, faz Lume em tantos corações desde sempre.

Coimbra:

«Junto um cheque para o Pão dos Pobres que tão prontamente me enviaram para férias. Peço desculpa do meu atraso. Chegará?»

Vou lê-lo com todo o meu poder de captação, pois sou uma alma atormentada e que necessito de abrir horizontes.»

Alter do Chão:

«O cheque é para os livros Calvário e Pão dos Pobres. É tão pouco, tão pouco para tão ricas obras que tanto nos dão e nos enriquecem!

O Calvário já é o terceiro que adquiro; e este, agora, ficará na minha posse. Fazia-me falta! Um capítulo por noite faz-nos esquecer de nós, dos nossos problemas, dos nossos sofrimentos. Li-o seis vezes. E relendo-o, novamente, parece-

me agora de uma beleza literária de que não me tinha apercebido. Foi pena! O tempo para ler é pouco. Mas, à noite, há necessidade de meditar. Louvado seja Deus!»

Vila Nova de Gaia:

«Os livros que em boa hora pedi são belíssimos! Ainda não conhecia Pai Américo; mas, agora, sim, fico a conhecer também a Obra por ele fundada. Servo bom e fiel que já foi possuir o Reino do seu Senhor.»

Espinho:

«Envio um cheque para custear a despesa dos três volumes que me enviaram. Bendita a Caridade de fazerem entrar em nossas casas tais obras. E só me dói que as não leiam outros que também precisam de se lembrar que a Alegria de dar é bem superior à de possuir notas e mais notas e sempre notas...»

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
 Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa